



A venda da flôr A sr.^a D. Geneveva de Lima Mayer Ulrich, ilustre promotora da venda da flôr em Lisboa, conversando com o sr. Baltazar Cabral, director do Banco Ultramarino.
(Cliché Vasques).

II SERIE—N.º 636

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1845 ctv.
Semestre, 2890 ctv.—Ano, 5880 ctv.

Numero avulso, 12 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 29 de Abril de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor—José Joubert Chaves
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 45—LISBOA

(BRILHANTINA CONCRETA)

de perfume delicioso, amacia e dá um brilho magnifico ao cabelo. Não contém gorduras, pois é um verdadeiro petroleo cristalizado. A unica no genero que se fabrica em Portugal, comparavel ás melhores estrangeiras de Houbigant e Corty.

CADA BOIÃO: 1\$000 réis.

ULTIMA CREAÇÃO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 <> LISBOA

INSTITUTO COMERCIAL PEREIRA DE SOUSA
 FUNDADO EM 1899 E DIRIGIDO POR

 Artur Alvaro Pereira de Sousa

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS PARA AMBOS OS SEXOS
 EM PAVIMENTOS SEPARADOS

Curso livre de Esteno-Dactilografia, Comercio e Linguas

16 CURSOS PROFISSIONAIS E OFICIAIS com os quais ho-
 mens e senhoras
 obtem collocação bem remunerada em qualquer paiz.

HABILITAÇÃO PARA CONCURSOS

nas repartições publicas, Bancos, Montepios, etc.

LIÇÕES EM CLASSE, INDIVIDUAIS E POR CORRESPONDENCIA

Matricula permanente á mensalidade, anui-
 dade e por contracto de habilitação completa.

PEDIR PRO-
 GRAMAS Á **Rua Nova do Almada, 53—LISBOA**

Endereço telegrafico: **PERSOU-LISBOA**

Ler na proxima quarta-feira o **Suplemento de Modas & Bordados** (do Seculo) Preço 3 centavos

DEPURATOL

**Soberano e inconfundivel remedio para o trata-
 mento de todas as impurezas de sangue (sífilis)
 conhecidissimo e regista-
 do em numerosos paizes**

Suas vantagens: Ele tira rapidamente as dôres ao doente; traz-lhe logo de começo o apetite, bem estar e socego de espirito; não é purgativo; faz desaparecer por completo as placas, chagas, feridas e os pesadelos e tonturas de cabeça; não altera o sangue; não tem o menor sabor; não exige dieta especial; pode ser tomado pelos organismos mais fracos e alquebrados; pôde ser usado em todas as viagens e passeios; é extremamente portatil, pois vae em pequeninos tubos; substitue com grandes vantagens os tratamentos pelos 606 e 914 e todas as injeções e fricções mercuriais; não necessita de auxilio de qualquer outro tratamento; ele não tem, n'uma palavra, o minimo inconveniente no seu uso. Aconselhado e preconizado por inumeros medicos e por todos os clientes que o tem usado!

Sifilitico que ainda não tenha manifestações evite-as, tomando já este excelente e inconfundivel remedio.

Cada tubo (para uma semana de tratamento), 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Depositario geral em Lisboa:—Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no Porto, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra, Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 33 e 36. Em Braga, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em Evora, Drogaria Martins & Mata, R. João Deus 64. Em Setubal, antiga Casa Supardo. Em Tomar, Farmacia João Torres Pinheiro & C.ª. Na Figueira da Foz, Farmacia Sotero.

A' venda no Funchal, Farmacia Luso-Britanica, R. dos Netos, 64. Em Loanda, Farmacia Dantas, Valadas & C.ª, e em todas as boas farmacias e drogarias

Ao Orfeon de Coimbra



CONVIDADO a acompanhar de algumas palavras o novo grupo do Orfeon Academico de Coimbra, não me limito a saudar como benemerita esta simpática associação d'arte. Quero aproveitar o grato ensejo para dirigir ao seu regente ilustre e a todos os orfeonistas um interessado pedido, que me parece de oportunidade e que deveria ser formulado por quantos amem a sério a musica—de origem culta ou popular.

Não carecendo de enaltecer a importancia da missão desempenhada pelo *Canto coral* de-

baixo do ponto de vista educativo e estético—venho rogar-lhes que atentem hoje no valor de tal missão, especialmente sob o ponto de vista patriótico.

Venho rogar-lhes que o cumpram hoje concorrendo, como em parte poderão concorrer, para que ao escutálos sintâmos, um pouco, renascer *unida* a alma dispersa do paiz.

Bastará, para a cumprirem pelo seu lado, que—a par dum ou doutro canto heroico, a repetirem, cada orfeonista enriqueça o repertorio do Grupo com a comunicação fiel das melodias e cantigas da região natal.

(Além de que algumas se acham fixadas em publicação). Pois, figurando por certo no orfeon representantes das diferentes provincias de Portugal, e, sendo assim, possível recolher ainda preciosos motivos do musical patrimonio luzitano—empreza já de si meritória—a vibrante execução em comum desses tão diversos trechos e canções ligaria

repetidas vezes os executantes, e também os ouvintes, num mesmo frémito e sentimento de amor pela boa terra portugueza, dando a todos a impressão, reforçavel, de mais estreita e apetecível vida gregária a dentro do torrão nosso.

Venho rogar-lhes que, para isso, e no proprio interesse da musica, salvem solícitos—se acaso fôrem a tempo—as naturaes cantigas portuguezas: chamando-as a juntarem-se, e restituindo-as na posse do terreno tomado, de ha muito, por alheias produções de significação inferior, e sobretudo pelo peor inimigo de uma genuína gleba viva da melodia, pelo venenoso cogumelo do *Fado*—produto originário da viela urbana, a admitir, fóra dos recantos torpes da cidade, como curioso documento de *folk-lore*, mas o mais nocivo de concorrência e de efeitos varios, até quando cultivado isoladamente.

Venho rogar-lhes que, como nunca, as entôem nesta hora tragica—as verdadeiras cantigas da terra portugueza—com redentor entusiasmo e religiosa unção; e tão alto, tão alto, que de todo abafem as outras; rogar-lhes, a bem das almas e da nobre arte do *Canto*, que, acima de tudo, e em concreto, adoptem, afinal, e façam adoptar á mocidade inteira das escolas, para agora e para o futuro, o exortativo conselho dum dos nossos melhores criticos musicas:

—Rapazes, não canteis o *Fado*!

Coimbra, 8 de abril de 1918.

Manuel da Silva Gaió.



Orfeon de Coimbra

LISBOA vae ter a ventura de ouvir nos dias 4 e 5 do proximo mez de maio, no Coliseu dos Recreios, o notavel

rencia, pois serão cantados trechos de Palestrina, Bach, Berlioz, Tomaz Borba e outros. E não pára aqui a digres-



1. Dr. Mendes Carneiro, diretor da propaganda.—2. Mario Burquete, do quinto ano da Faculdade de Medicina, diretor do grupo dramatico.—3. Antonio Malheiro, do quarto ano da Faculdade de Medicina, primeiro tesoureiro.—4. Antonio Correia, do quarto ano da Faculdade de Direito, primeiro secretario.—5. Dr. Elias d'Aguiar, regente do Orfeon.—6. Manuel Estelita, do quinto ano da Faculdade de Direito, vogal.—7. Manuel Barbosa, do terceiro ano da Faculdade de Medicina, segundo secretario.—8. Dr. Ismael Simões Reis, ensaiador dos segundos tenores.—9. José Forjaz de Sampaio, do quinto ano da Faculdade de Medicina, ensaiador dos baixos.—10. João Leitão, do terceiro ano da Faculdade de Medicina, segundo tesoureiro.—11. Antonio Merrano, do terceiro ano da Faculdade de Medicina, vogal.—12. Antonio Pereira, do segundo ano da Faculdade de Direito, ensaiador dos primeiros tenores.—13. Reaes Pinto, ensaiador dos segundos tenores.

Orfeon de Coimbra, a mais completa organização artistica musical que se tem levado a efeito no paiz. São dois saraus de beneficencia que a simpatica *troupe* vem dar n'esta cidade, aos quaes, por certo, não faltará concor-

são caritativa do Orfeon, que se dirige para Evora e Faro a fazer-se ouvir tambem em recitas beneficentes, que decerto causarão o mesmo entusiasmo que entre nós hão de produzir os dois espetaculos a efetuar.



O Orfeon Academico de Coimbra, 1917-18

(«Clichés» do distinto fotografo de Coimbra, sr. Gabriel Tinoco).

Venda da Flor

A venda da Flor nas ruas de Lisboa, em beneficio das obras de assistencia aos nossos soldados, realisou-se pela segunda vez com o mesmo exito da primeira, porque não foi menor a admiravel dedicaçao por parte das gentilissimas senoras que a levaram a efeito nem o acolhimento simpatico que lhes fez o publico, contribuindo generosamente pa-



A sr.^a D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, com outras senhoras, saindo do Banco de Portugal.

ra que a receita não fosse inferior á do ano passado. E, na verdade, a despeito da crise pavorosa que atravessamos, a venda da Flor produziu perto de trinta contos, quer dizer aproximou-se muito da receita da primeira. Mil *vendeuses*, entre as quaes predominavam as meninas, espalharam-se por todos os bairros da cidade, entregando as suas



Na praça de Camões



Na rua do Ouro

JOALHERIA



de moeda de cobre, até o mais valioso, um masso de libras ou de



No largo das Duas Igrejas, pequenitos comprando a flor a mademoiselle Simy Sequerra.

Madame Serpa O'Neill vendendo a flor na rua da Betesga, junto á Praça da Figueira.

pequenas rosas bravas e recebendo em troca qualquer donativo, desde o mais insignificante, uma humil-



Na rua da Prata



Na rua do Comercio, mademoiselle Viana Bastos e o sr. Oldemiro Cesar, redator do Seculo.

notas de cem escudos... Os pobresinhos, as criadas de servir, as colarejas da praça disputavam a honra de colocar no peito a flor bemdita! E' que todos conheciam o humanitario fim, a patriotica intenção, o dever sagrado: dulcificar as angustias,



os sofrimentos, as desditas dos obscuros heroes portugueses que nos campos de Flandres deram o seu sangue, arruinam a sua saude, fazem o ho-



1. Um grupo de vendedoras da flor na rua do Comercio



locausto da sua mocidade para que o nome da sua terra e a fama da sua raça fulgurem sempre com o brilho que os imortalisou atravez dos seculos. A senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich deve sentir-se intimamente jub'losa pelos esplendi-



2. A sr.^a D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich

5. No Rocio: Senhoras do grupo da sr.^a condessa de Alferrarede e o redator do Seculo sr. Nobre Martins.

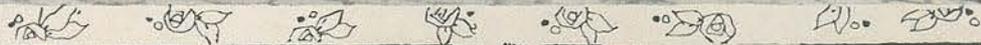


O sr. ministro do trabalho dá o seu obulo.

dos resultados da sua adoravel iniciativa. A venda da Flor vae permitir que o Instituto Nunalvares, instalado no Lazareto, preste aos soldados de Portugal os beneficios a que e'es tem pleno direito...



1. Na rua do Ouro.—2. No largo das Duas Igrejas.—3. No Rocio.—4. Na rua Garrett, junto á Casa Havaneza
5. Um soldado francez compra uma flor.—6. A sr.^a condesa do Calhariz, no Rocio, vende flores aos passa-
geiros de um auto.



1. Na rua do Comercio.—2. Na rua Garrett.—3. Na praça de Camões.—4. Na rua do Ouro
5. Junto ao Banco Inglez.

(Clichés Benoliel).

AS VITIMAS DO CANHÃO MONSTRO



O atentado alemão em sexta-feira santa.—Um obus de 240 cae n'uma igreja de Paris, no momento dos officios divinos, encontrando-se repleta de fieis. Sua Eminencia o cardeal Amette, que officia em Notre Dame, acorreu pressuroso ao local do barbaro acontecimento, fazendo o sinal da cruz sobre os corpos das innocentes victimas do criminoso bombardeamento.

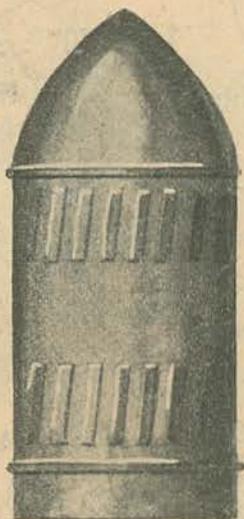
(Desenho de J. Simon, de *L' Illustration*).

MINHA senhora. A vida de Paris n'este momento é, sem duvida, muito original. Assim, ante-hontem, ás 17 horas, fui ao Théâtre Antoine vêr representar *Antonio e Cleopatra*, de Shakespeare, interpretada e posta em cena por Gémier. A casa estava á cunha. Ha cenarios arte-nova; festins deslumbrantes; se-

ainda de tal acontecimento d'arte, em mais socegado ensejo. Por hoje quero apenas contar-lhe que, de

regresso do teatro n'um taxi, foi-me dado ouvir o grito da sereia que, como sabe, n'estas paragens, não anuncia nada de bom. Recolhi á cave, como é regra, e lá permaneci com toda a gente do predio até ás 22 horas, sem jantar. D'essa feita, porém, os Gothas não voaram sobre a cidade.

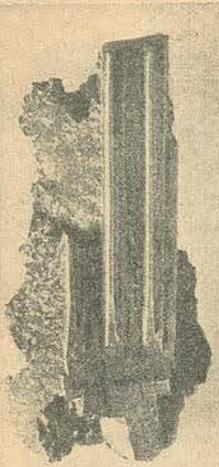
Mas hontem de manhã cedo uma surpresa me estava reservada. A's 7, os que não dormiam, ouviram algumas detonações. No ceu, muito limpido, não se via sombra d'avião. Entretanto, de vinte em vinte minutos, com cronometrica regularidade, ouvia-se um estoiro. Os poderes publicos, sempre de nariz no ar, souberam que haviam mortos e ruínas. E resolveram-se, então, a mandar dar o alarme—eram 9 horas—sempre sem perceber. O bombardeamento continuou até perto das 16 horas. Descobriu-se, por fim, que se tratava de obuzes, de autenticos obuzes de 240, que nos vinham d'uma peça



1. O obuz de 240 expellido pelo canhão de largo alcance que bombardeia Paris, com uma cobertura de ferro destinada a aumentar a velocidade, facilitando a penetração do ar.—2. O mesmo obuz sem cobertura.

horas quasi nuas. Tudo isto a surpreenderá, talvez, como eu estou em crêr que surpreenderia o proprio Shakespeare; mas... é como é. Falar-lhe-ei, talvez

colocada pelos alemães a cerca de 120 kilometros de Paris! Escuso de lhe dizer que já n'essa altura o publico saira dos seus abrigos. Não se vive n'uma



Aspéto da superfície exterior, listrada, de um dos obuzes, lançado sobre Paris.

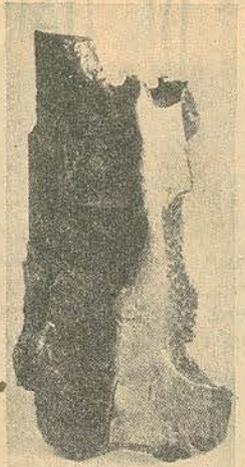
cave um dia inteiro. Mas, para a vida económica da cidade, esse dia foi morto.

Pouco depois das 16, ouviu-se a *berloque*. As *terrasses* dos cafés encheram-se de gente. E comentava-se essa revelação estupenda d'um canhão monstro, como nunca no mundo até hoje se viu. Depois, ás 21 horas, de novo a *stréne* veio anunciar os *Gothas*. D'essa vez desci á *cave*, como toda a gente, e lá fiquei até que, uma hora e meia depois, a *berloque* veio anunciar, em nome do governo, que nos podíamos deitar.

Sono leve—ai de nós!—e pouco reparador!

A's 7 da manhã d'hoje, mais *ereia* e mais *detonações*. Creio que é ainda a peça que se não cança de atirar. São 14 horas, ouço-a ainda. E' domingo de Ramos; anda, apesar de tudo, gente nas ruas. Saí ha pouco para ir buscar os *tickets* de pão para o mez d'abril em troca da senha n.º 1 da minha «Carta d'Alimentação».

... Quanto ás modas, as saias continuam a ser curtas e agora, além de curtas, são travadas. As pernas das nossas vizinhas deixaram, decididamente, de ter segredos para nós. Perdõe-me, minha senhora, esta liberdade de linguagem e



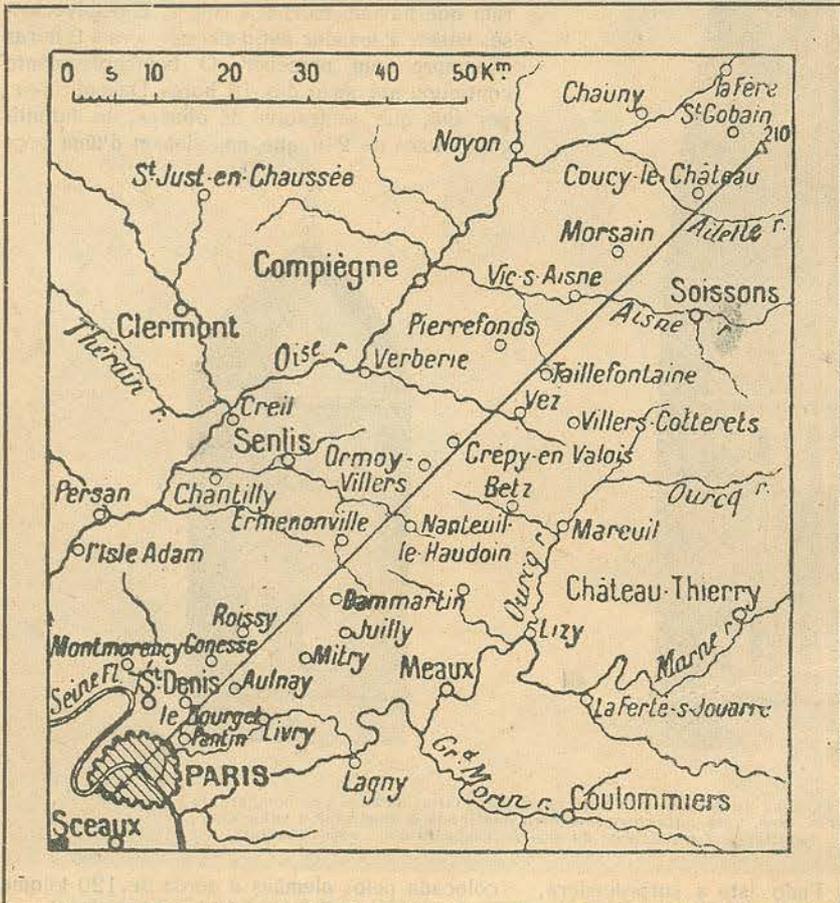
Espessura e aspéto de uma parte da superfície interior, lisa, do mesmo obuz.

não se aterrorize demais com o quadro que lhe ofereço da vida de Paris. A verdade, vista de perto, é menos terrível do que se pensa. E a gente a tudo se acostuma: não só ás pernas bonitas, como aos *tickets* das restrições, e aos *Gothas*, e ao 240, e a tudo o mais.

Permita-me que lhe beije as mãos.

Paris, 24 de março.

PAULO OSORIO.



Região que percorrem os projeteis arremessados sobre Paris pelos canhões alemães de grande alcance, que se julga estarem instalados na floresta de Saint-Gobain.

A GUERRA

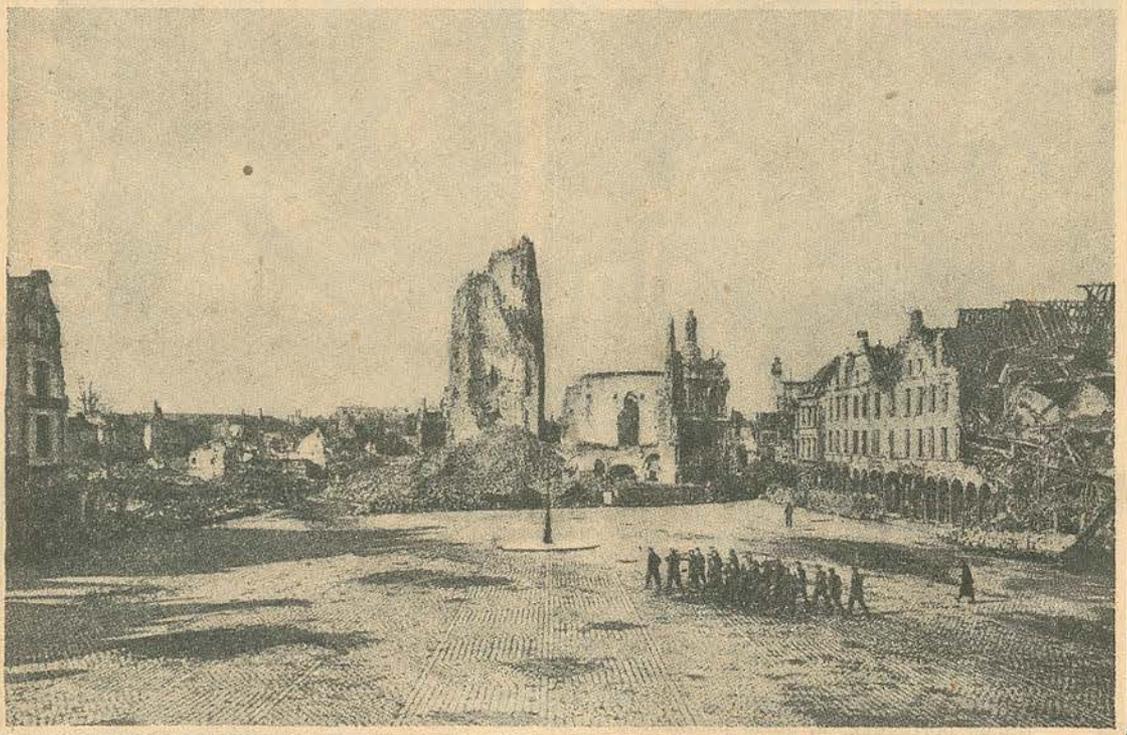


O imperador Jorge V, de visita á frente inglesa por ocasião da ofensiva alemã, conversando com os seus soldados.—1. Passando em revista um grupo de heroes que se batiram valentemente.—2. Conversando com alguns feridos que vão ser evacuados.—3. Elogiando um official que praticou prodigios de bravura.—4. Obtendo informações d'um soldado escocês recém-chegado da linha de batalha.—5. Trocando impressões com um sobrevivente d'um encarniçado combate, durante o qual fora nã infligidas pesadas perdas ao inimigo.
(De *L'illustrated London News*).

A ultima visita do rei de Inglaterra á frente da batalha coincidiu, precisamente, com a grande ofensiva alemã. Sua Magestade Britanica conseguiu assim, pessoalmente, um testemunho da indomavel coragem e da firme tenacidade com que os seus soldados resistiram ao desesperado arranco do inimigo. Visitando as ambulancias, deparou-se-lhe n'uma d'elas um official portuguez, a quem manifestou a sua satisfação por encontrar empenhado na nobre luta o secular aliado do seu paiz, e enalteceu as brilhantes qualidades do nosso exercito, que, de novo, honra as suas gloriosas tradições.



EM ARRAS:—Fachada principal do município antes da guerra



Em março de 1918: as ruínas do município, depois d'um violentíssimo combate

(Clichés de *L'illustration*).



NA MESOPOTAMIA. — Uma metralhadora em posição.

Na Mesopotamia. — Na frente da Mesopotamia a luta atingiu igualmente uma considerável atividade. As ações realizam-se quasi incessantemente e alcançam por vezes proporções de grande envergadura, sendo elevado o numero de prisioneiros turcos que os nossos aliados ali teem feito. Estes, que não occultam a sua satisfação por se encontrarem ao abrigo dos ultrajes dos officiaes e soldados da Alemanha — enquadrados com as tropas turcas — contam, visivelmente horrorisados, que é sob a ameaça das baionetas e do fogo das metralhadoras dos alemães, que eles contra-atacam com encarniçamento, procurando, se bem que infrutiferamente, reocupar as posições d'onde foram desalojados e que a indomavel coragem e a inexcedível resistencia dos inglezes tornaram inexpugnaveis.



Um aspéto d'um acampamento de prisioneiros turcos.

A OFENSIVA ALEMÃ



A mais recente fotografia do Kaiser e do Kronprinz, tirada na frente franceza.



1. O general Hutier, que opera no sector de Noyon.—
2. O príncipe Ruprecht da Baviera, que investe contra Amiens.—3. O general von Below, que luta na região de Bapaume.—4. O general von der Marwitz, que cerca Cambrai.

Como a Alemanha não conseguiu, com a violenta investida contra os sectores inglez e portuguez—apesar das fartas perdas que colheu—alcançar o completo exito que o grande estado maior alemão começava já a anunciar arrogantemente, emprega agora sobrehumanos esforços para obter ao menos uma posição de vulto, com que justifique tão consideravel dispendio de munições, material e homens.



Grupo de prisioneiros alemães feitos pelos inglezes na recente ofensiva

NO SECTOR PORTUGUEZ



1. Adriano Queiros, segundo sargento de artilharia. 2. Manuel José, segundo sargento de artilharia.—3. David Loureiro de Sousa, segundo sargento telegrafista. 4. António Augusto de Jesus Fonseca, segundo sargento da B. M. L.—5. Heitor José Coelho, segundo sargento

ra a direita, no primeiro plano: Eduardo Pinto, Agostinho Nunes, António Cardoso e Adelino Rodrigues. No segundo plano: Sebastião Moura, Eduardo Felisberto, José de Moraes e Luiz d'Oliveira Rocha. No terceiro plano: Luciano Candido, Luiz da Costa Bernardi-



d'artilharia.—6. José Nicolau Pereira, segundo sargento de artilharia.—7. Matias Gonçalves, segundo sargento de artilharia.—8. José Maria Negrão, segundo sargento d'artilharia.—9. Grupo de sargentos d'uma formação do C. E. P. Da esquerda pa-

no Castelo, Manuel Paes e Leonídio Almeida e Silva. 10. Solaados do B. S. C. F. Sentado: Antonio Florencio. De pé: Antonio Franqueira Junior e Joaquim Maria Sant'Ana.—11. Soldado do C. E. P. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Joaquim



Filipe e Jaime Patronilha. No segundo plano: Francisco Filipe, João de Fetaes e José Machado.—12. José Monteiro, soldado de infantaria.—13. Salvador dos Santos, soldado d'infantaria.—14. Manuel Guerra, soldado do C. A. P.—15. Francisco Lopes, soldado do C. A. P.—16. Grupo de sargentos do C. A. P. Da esquerda para a direita: Antonio Nunes, Caetano José Lopes, Frederico Dias Coelho e Antonio dos Anjos Garcez.—17. Manuel B. C. Duarte, soldado d'artilharia.—18. Manuel



Pelos soldados portuguezes



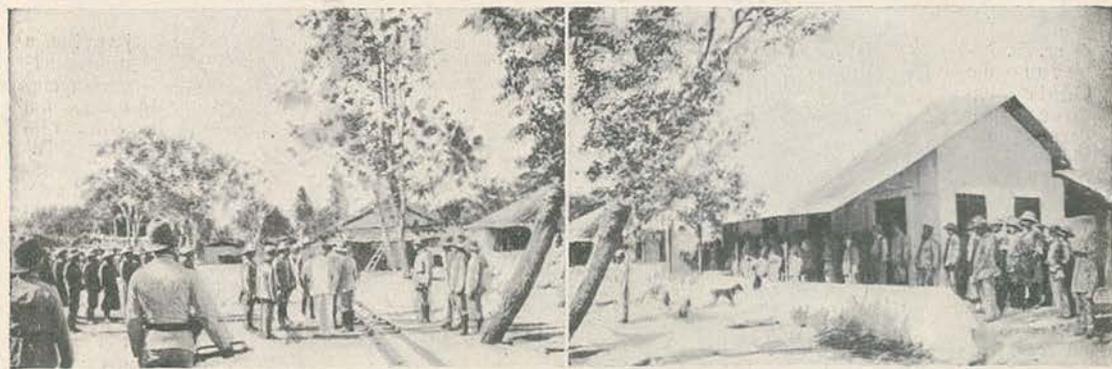
Fieis saindo da igreja dos Martires, onde foram assistir aos sufragios por alma dos nossos soldados mortos em França.

Não são, felizmente, esquecidos os nossos bravos soldados que desesperadamente se batem na França pela liberdade e pela civilização ao lado dos aliados contra os imperios centraes. Na alma de todos os portuguezes vibra o entusiasmo quando da refrega esses heroes saem vencedores, como tambem as preces saem espontaneas de todas as bocas, pelos que, vencidos, regam com o seu sangue generoso o solo dos combates, lutando até o ultimo alento de vida. Em homenagem a estes realizaram-se em Lisboa em varios templos solenes exequias, sendo as mais tocantes as efetuadas na igreja dos Martires com a assistencia de todas as classes sociaes, desde a fidalguia da velha rocha até ao povo mais humilde, nas quaes o nótavel orador sagrado rev. Avelino de Figueiredo proferiu uma alocação que deixou comovidos todos os ouvintes.



Pessoas de familia de heroes mortos em combate, a caminho do templo.

A NOSSA GUERRA DA AFRICA ORIENTAL



MOCIMBOA DA PRAIA :—1. O comandante da coluna de penetração cumprimentando o capitão Curado.—
2 Os officiaes aguardando a chegada do capitão Curado.

Mocimboa da Praia continua sendo a base das operações das tropas portuguezas que lutam no norte da provincia de Moçambique. A campanha n'aquelas

insalubres regiões tem atingido, por vezes, proporções de grande vulto e egualmente ali os nossos soldados, que combatem n'um clima excessivamente doentio, tem sabido afirmar o seu inexcedível valor, e confirmando as suas gloriosas tradições. N'esta pagina deixa a *Ilustração Portuguesa* arquivados alguns aspéctos da recção feita ao capitão Curado, depois do seu cativai-



Em estacionamento: Os alferes da administração militar srs. Matos Rodrigues e José Rebelo de Magalhães.

ro entre os alemães que o haviam feito prisioneiro depois da sua heroica resistencia, com um punhado de bravos, na serra de M'Kula, que só ce-

deram perante a esmagadora superioridade numerica dos soldados adversarios. Este épico feito assombrou o inimigo que não regateou ao brioso vencido e aos seus companheiros de luta as mais calorosas homenagens pela sua admiravel coragem e inaudito arroj. O capitão Curado regressou a Lisboa a bordo do *Beira*.



A data d'agua

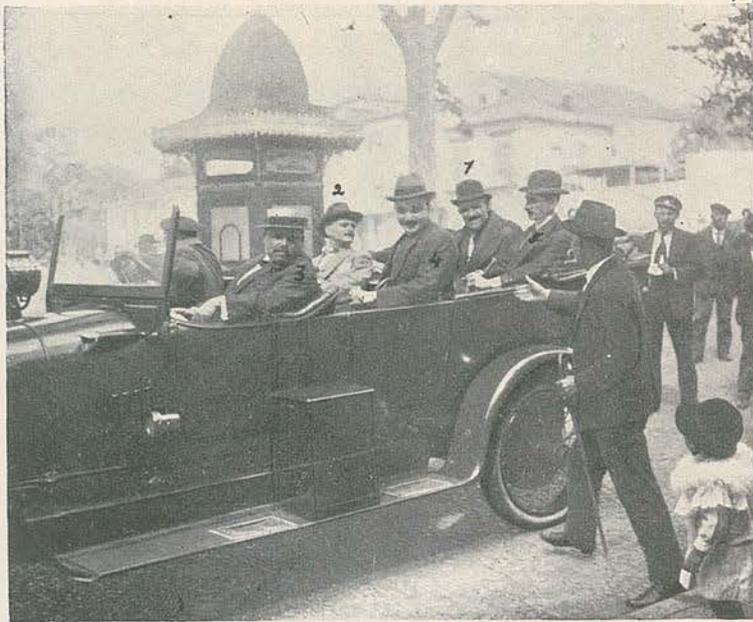
Preparando um novo estacionamento

(Clic:és do distinto amator e illustre official do nosso exercicio sr. Jorge Xavier de Brito).

No Funchal

O sr. dr. Alvaro de Castro, ex-governador geral da provincia de Moçambique, cargo que declinou após o movimento revolucionario de 5 de dezembro e em que deu as mais manifestas provas do seu alto saber administrativo, deixando o seu nome ligado a cometimentos de subida valia, regressou á metropole a bordo do vapor «Beira».

A viagem realisou-se sem novidade alguma, tendo o navio uma demora de 4 dias na ampla baía do Funchal, que foram aproveitados pelos passageiros em visitar a soberba ilha. O antigo ministro da



NO FUNCHAL — 1. Sr. Dr. Alvaro de Castro. — 2. Sr. Garrido, secretario do sr. dr. Alvaro de Castro. — 3. Sr. João Augusto Faria. — 4. Sr. Dr. Pedro Pita. — 5. Sr. Dr. Vasco Marques, em excursão a Machico.

justiça, a quem alguns membros da maior respeitabilidade da sociedade funchalense dispensou manifestações de elevado apreço, era ali aguardado pelos srs. João Augusto Pina e drs. Vasco Marques e Pedro Pita, com os quaes efectuou varias digressões aos pontos mais lindos da ilha, uma das mais encantadoras

do mundo que, pelos seus esplendidos panoramas, bellissimas paisagens e doçura de clima, é considerada a pérola do Atlantico.



Grupo de primeiros cabos da primeira companhia do batalhão de artilharia de guarnição, destacados no Funchal. — Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Marçal Sant'Ana e Teodoro Pereira. No segundo: Augusto Conceição, José Verissimo, Manuel Epifanio Serra, Esequiel Gaspar d'Azevedo, Asdrubal da Costa Pereira, José Aires de Figueiredo Junior, José Faustino e José Domingos. No terceiro: A. Rodrigues, José Lopes, Leonardo Caetano, Manuel Dias Pisco, Joaquim Mendes, Tomaz Nobre da Silva e Albino Menezes.

A manifestação dos funcionarios publicos



Grupo de funcionarios publicos no atrio do palacio presidencial, depois de cumprimentarem o sr. dr. Sidonio Paes.

TEVE um grande significado moral a imponentissima manifestação de agrado dispensada pelos funcionarios publicos ao sr. dr. Sidonio Paes, demonstrando assim o regosijo com que foi acolhida a publicação do decreto das subvenções. O funcionalismo, que acorreu a Belem quasi no seu maximo numero, foi recebido na sala dourada do palacio presidencial, onde o sr. presidente da Republica, visivelmente comovido, recebeu os cumprimentos dos devotos cooperadores dos poderes publicos. O sr. dr. Carneiro de Moura, solicitado pelos mani-

festantes, pronunciou um rapido discurso em que fez o elogio do sr. dr. Sidonio Paes, que já em Coimbra — onde o conheceu — se afirmára um alto poder de ação, agradecendo em nome dos seus colegas da administração publica a justiça que lhes fôra feita.

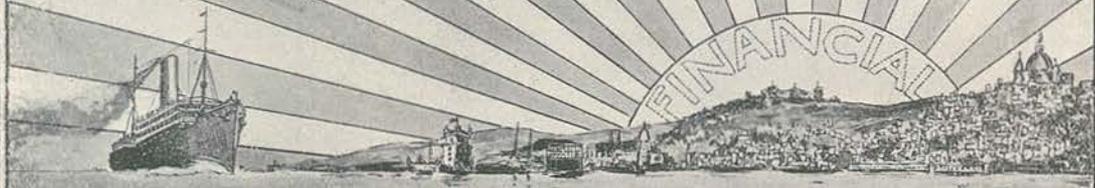
O ilustre chefe do Estado, que foi calorosamente vitoriado, declarou sentir-se imensamente grato pela manifestação da laboriosa classe, uma das mais disciplinadas e respeitadas do erario publico, que tinha o direito de ser respeitada e escutada nas suas queixas.



Os funcionarios publicos saindo do palacio de Belem

(Clichés Benoitel).

SOCIEDADE FINANCIAL DE SEGUROS L^{DA}



CORRETAGEM E REPRESENTAÇÃO SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
FILIAES E CORRESPONDENTES: BILBAO. BARCELONA. CA-
 DIZ. COPENHAGUE. GENOVA. LONDRES. PARIS. NEW-YORK.

SEDE EM LISBÔA:
PRAÇA DO MUNICIPIO 13.
 TELEGRAMAS: "FINANCIAL".
 TELEFONES: C. 1385 E 2974.

Em um ano	}	Capitales assegurados	27.304.870\$45	
		Sinistros pagos	Maritimos	336.570\$61
			Greves e tumultos	109.220\$23,5

CAPITAL AUTORIZADO: 2.000:000\$00
 SUBSCRITO: 750:000\$00

SEGUROS
 MARITIMOS
 GUERRA
 GREVES e TUMULTOS
 INCENDIO

AGENTES GERAES
**SOCIEDADE FINANCIAL
 DE SEGUROS L^{DA}**

PRAÇA DO MUNICIPIO .13.
 TELEGRAMAS: FINANCIAL
 TELEFONES: C.2974 E1385
 LISBÔA

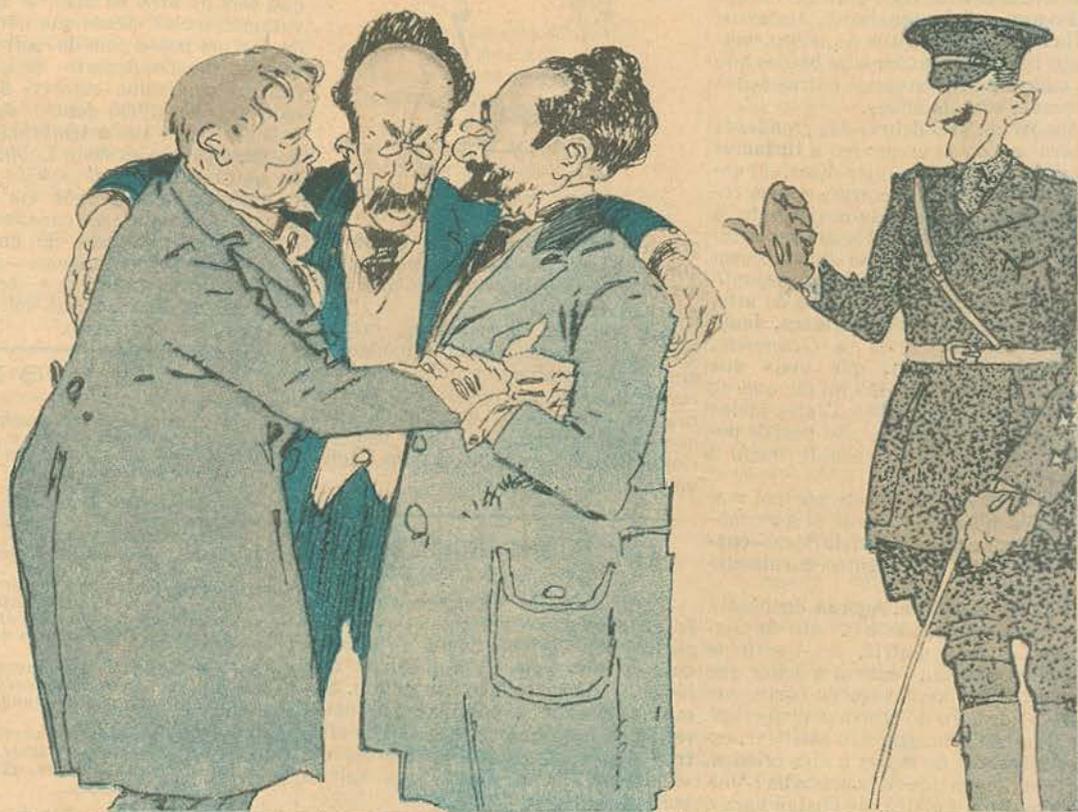
SOCIEDADE AN. DE RESP. LTDA.
 AUTORIZADA POR PORTARIA N:955
 DE 9 DE MAIO DE 1917



7 Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

MILAGRE



**E' tão grande o seu prestígio
Que nos tres da vid'airada,
Cócó, Reineta e Facada,
Ele obrou este prodígio!**



PALESTRA AMENA

Recordando

De vez em quando os jornaes referem-se á boa velhota da Sara Bernhardt, nem sempre narrando triunfos cenicos, que na respeitavel idade d'aquela madama são realmente dificeis de obter. D'esta vez é um telegrama de Londres que nos diz que a celebre artista franceza sofreu, em Nova York, o vexame de um certo joalheiro se apoderar de varios objectos caseiros que á artista pertenciam, para se cobrar d'uma divida pela compra d'um relógio.

Ao sinatario d'esta não é indiferente o que se passa com Sara Bernhardt, porque a ela o ligam duas recordações: uma agradabilissima e outra muito desagradavel, as quaes passa a contar porque se dedicasse á «Palestra» aquilo que lhe parece palpitante o espaço a ela destinado é provavel que ficasse em branco.

Posto isto, passamos a declarar que nem sempre vivemos no estado de opulencias que todos nos conhecem—hospedados n'um sumptuoso hotel da rua da Padaria, clétrico aturado e galinheiro aos domingos nos teatros. Fomos miseraveis em tempos: para que negalo? Fomos estudantes, isto é, tinhamos muitas vezes os trastes no *prégo*, ceavamos iscas, pregavamos os botões que nos caíam e praticavamos outras ações honrosas, mas humildes.

Mas já então o delirio das grandezas andava a contas conosco e tinhamos a paixão do teatro, quer dizer, de assistir ás boas obras teatraes e bem representadas, arrependendo-nos quando, á vista d'um cartaz prometeor, reconheciamos que não tinhamos dinheiro nem para mandar cantar um cego quanto mais para entrar nos templos da arte.

Ora, foi um d'esses cartazes, annunciando em S. Carlos a *Gismonde*, por Sara Bernhardt, que mais nos fez arreperar e repelloi foi ele que no cerebro nos brotou uma d'estas ideias que, além de genieas, são bem de pelintra: pedir uma entrada de *borla* á grande tragica!

Dito e feito. Um bilhete por um moço ao Avenida Palace e de aí a um momento uma carta amavel de Sara—conservamo-la religiosamente—e o almejado bilhete.

Esta foi a alegria. Agora a desilusão. Corria sem novidade o 5.º ato da *Gismonde*, quando a atriz, em figura de princeza oriental, entrou a gritar que ali perto um ambicioso da cõrte, que seria o herdeiro do trono se uma criança, filha da princeza, não existisse, estava a pontos de matar a dita criança. E como julgam que Sara procedia? Voltava-se para a platèa, de costas para o lugar onde se supunha que o filho estava em perigo, recitando para os espetadores, sem o menor tom afflitivo para que a sua voz não perdesse o timbre dulcissimo que a celebrizou:—Salvae o meu filho!

Bolas. No fundo tivemos sempre esta

cêna como prova da pouca consideração que ela nos ligava e não por falta de talento e saber. Comtudo, fique sabendo que se não a pateamos foi pela respeito devido á sua generosidade.

J. Neutral.

Politiquice em tudo!

Mais uma coisa em que a politiquice não se conteve que não metesse o porquissimo nariz: na festa da flôr. Como muitas das senhoras que vendiam flôres eram talassas, houve republicanos que lhes voltaram as costas com indignação quando elas se lhe dirigiram.

Depois, vá de se celebrar a exiguidade da quantia obtida,—trinta contos é um pau por um olho!—com uma alegria um nadinha feroz, porque afinal de contas esse dinheiro destinava-se a minorar os sofrimentos de desgraçados que decerto não lhe cuidarão da origem, e como resultado d'essa ales-



grafia, em natural reacção, a censura a quem repeliu as damas—particularmente a certa personagem de alta responsabilidade.

Pois em vez de censuras, creiam que havia vingança muito melhor, a qual era os senhores republicanos procederem do mesmo modo, isto é, effectuarem outra festa da flôr. Veriam que os monarquicos... lhes não dariam tambem nem a ponta dum centavo retorcido.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Relatorio do Congresso hoteleiro de 1917—Obsequieia-nos a Repartição de Turismo com um relatorio cuja leitura nos vem mostrar que ideias, felizmente, não nos faltam. Somos inamoviveis, por um triste natural, mas logo que se realizem os alvites dos congressistas passaremos a viajar—se d'aqui até lá nos sair a sorte grande, é claro.

Um problema social (O exercicio da medicina), por Chaves de Aguiar.—E' uma formidavel sova nos srs. medicos, com dezenas de citações nem por isso muito agradaveis para os ditos. Recomendamos a adoção do livro no curso respectivo.

Eleições

Digam o que disserem os ótimistas, não ha maneira de ocultar que o numero de eleitores que concorreram ás urnas foi pequenissimo. Pela abstenção democrató--evoluçio-unionistica? Não; aconteceu assim, porque sempre acontece assim, porque ninguem está para se incomodar e no fundo o portuguez tanto se lhe dá ser governado por Fulano como por Cicrano; embora se fin-



ja muito interessado: o que não quer é ralar-se.

Ha, porém, um meio de fazer que todos votem, sem a menor coação, parecendo incrível que ele não tenha ocorrido aos governos que pretendem unicamente que os eleitos sejam, na verdade, votados pelo povo: é, em vez dos eleitores irem á urna, ir a urna aos eleitores. Nomeiem-se cidadãos que vão, de urna na mão, a casa dos votantes e eles, desde que não tenham de dar um passo nem de sofrer o minimo incomodo, decerto se não negarão ao pequenino esforço de deixar cair um papelinho dentro do vaso.

Dir-nos-hão que a lembrança não é nossa, mas de Gervasio Lobato, quando no *Comissario de policia* apresenta um maduro a propôr em conselho de ministros que se canalisem bifes com batatas para casa de cada cidadão. Será, mas tanta gente—principalmente autores dramaticos—tem roubado o pobre Gervasio, que mais um menos um não faz ao caso.

De fóra

E' tão raro recebermos escrito de geito que, apesar da exagerada e imerecida amabilidade do autor, publicamos com prazer os versos que seguem:

Belmiro amigo e mestre do soneto:
Gastae com estas linhas um momento,
E já que sois poeta de talento,
Perdão para o peccado que cometo.

Essa quadra singela que remeto,
Se virdes que merece cabimento
No velho e gracioso «Suplemento»,
Olhae por ela sem lhe oppôr o veto.

Se por ser infeliz a não quereis,
Deitae-a para o cesto dos papéis
E podeis crer que não me zangarei.

Se lhe derdes guardida por servir,
De sete em sete dias, a seguir,
Mais outras, muitas outras, enviarei...

Aqui p'ra nós

*Do marfim que tens na boca,
Se de cada vez que mentes
Caisse um pedaço, ai louca,
Ha muito não tinhas dentes...*

Enças.



O Sebas

EM FOCO

Correspondencia

Não sabem quem é o Sebas?

Também nós o não sabíamos, antes de lês as listas das pessoas que se propõem a deputados, mas agora sabemos que é um cavalheiro que se apresenta pelo circulo de... d'um nome qualquer com que nós não temos nada.

E, a proposito, aí vai uma historia.

Certo padre, prégador de fama, decorava os sermões d'um livro que lá tinha em casa, mas não se fiando na memoria não ia nunca para o pulpito senão munido do dito livro, que ocultava o melhor que podia e cujas folhas ia passando á medida que prégava.

Um dia foi convidado a ir prégao o sermão das festas dos santos martires e aí sobe ele á sagrada tribuna. Disse o exordio na ponta da lingua, entrou pela vida dos canonizados sem falha de memoria nos primeiros dez minutos, mas de aí em diante não teve remedio senão abrir o livro e deitarche o rabo do olho. Ora no final d'uma pagina citava-se S. Sebastião, mas aí do santo havia só as duas primeiras silabas, abrindo a pagina seguinte com as duas ultimas.

E vae o padre recitou assim:

—«Amados irmãos: agora vou descrever-vos o martirio de S. Sebas...»

Era o fim da pagina. Depois, voltando-a com o dedo, lêu as silabas que faltavam, mas não se atrapalhou e continuou intrepidamente:

«de S. Sebas e do seu companheiro Tião...»

Tem a sua piada.

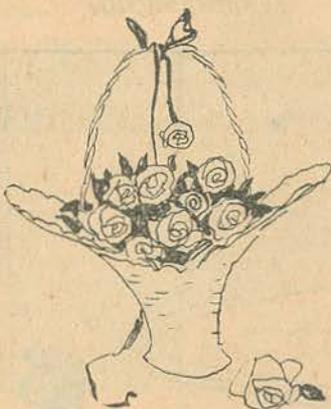
"Republica"—"S. Luiz"

Pela 3.^a vez foi batizado o teatro da rua do Tesouro Velho, que de D. Amelia passou a Republica, com grande raiva d'alguns monarchicos, e agora de Republica a S. Luiz, com intensa furia de alguns republicanos. Qualquer dos titulos, parece-nos, se justifica



sem procurar explicação na politica, mas o que nos admira é que ainda haja quem se preocupe com os nomes que cada um põe á propria casa, como se tivesse que dar satisfação aos outros.

Imagine-se onde levaria o criterio



As rosas

A rosa que ela prende á loira frança
Não é, por sua cor, magnificente,
Não tem o aroma que embriaga a gente,
Dem nome estranho, de Inglaterra ou França.

É branca, como um sonho de creança,
É simples, como um riso de inocente,
É o seu aroma quasi se não sente,
Suave exalação turtiva e mansa.

É rosa de toucar, do seu canteiro
Entre mil variedades majestosas
Decerto a mais humilde e a mais singela;

Mas para mim, cativo jardineiro,
Que valor podem ter as outras rosas
Se roçaram por esta os labios d'ela?

BELMIRO.

de uma pessoa chamar ao que é muito seu só aquilo que agradasse ao parceiro! Tal cavalheiro que poz a um *chatet* o nome de pessoa querida, por exemplo, soffreria as desconsiderações de seu vizinho para quem aquele nome recordaria uma pessoa detestada; e etc.

A verdade, porém, é que o facto tem dado ensejo a discussões azedas—e que elas se teriam evitado se, como mandava o mais elementar bom senso, os empresarios teem consultado a pessoa de mais competencia que temos em assuntos de teatro, a qual pessoa é o nosso *Jerolmo*, do *Pauliteama* de Peras Ruiyas. Se não, veiam como ele foi ajuizado no batismo da sua casa de espéculos: seguiu o belo exemplo do colega das Portas de Santo Antão, que poz ao seu o nome de *Politeama*, palavra cuja significação só o sr. Epifanio conhece: assim, conciliou republicanos e monarchicos, julgando aqueles que a palavra é lisongeira para a democracia e estes para a aristocracia e calando-se muito bem calados para não serem tidos por ingorantes.

Arnesto de Jazus (Coixbra).—Tem razão: O ensaiador estendeu-se e não admira que o *Jerolmo* não desse por isso, porque de danças apenas conhece o fandango.

Lima C.—Sabe o que é? É uma grandissima besta. Vá puxar á nora, que é melhor.

S. (Funchal).—Lá irão para a *Torre de chifre*, quando tivermos espaço disponível.

Malquerida.—Está a menina muito enganada se julga que esta folha é para poucas vergonhas. Mande as cartas directamente ao homem—e tenha vergonha n'essa cara.

Uma idéa da Maria do O'

O nosso particular amigo Alfredo d's Anzoes resolveu, prevenindo o futuro, comprar alguns generos por junto, fazer grandes depositos em casa, de onde pouco a pouco se fariam os gastos. E' certo que se lhe foram as economias de longos anos de trabalho, mas ao menos tinha garantida a sua existencia e a dos seus por alguns mezes.

Os mais importantes depositos foram de carvão e de pão.

—Que d'sparate! pensará o leitor. Então o homem conservou em casa o pão uns poucos de mezes?

Disparate diz o leitor. Então que di



ferença, quanto a dureza, faz atualmente o pão que tenha só um dia do que do que tenha trinta?

Posto isto, saiba-se que Alfredo dos Anzoes tem por criada a menina Maria do O', pessoa d'uma inteligencia superior, a qual criada se indisponha por que o carvão ardia mal, ao mesmo tempo que os patrões se queixavam á mesa de que não eram capazes de trincar o pão.

E então teve Maria do O' uma idéa, que a ninguém comunicou: foi ao deposito do pão e começou a empregalo no fogão, como se fosse coke; foi á carvoeira e começou a servir pedaços de carvão á refeição dos patrões. O resultado d'esta mediada foi excelente; o pão ardia como o coke de melhor qualidade e os patrões ao almoço e ao jantar rilhavam o carvão pacientemente, sem darem pela troca.

Se isto fosse um paiz de juizo a Maria do O' era nomeada diretora geral do Ministerio das Subsistencias.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

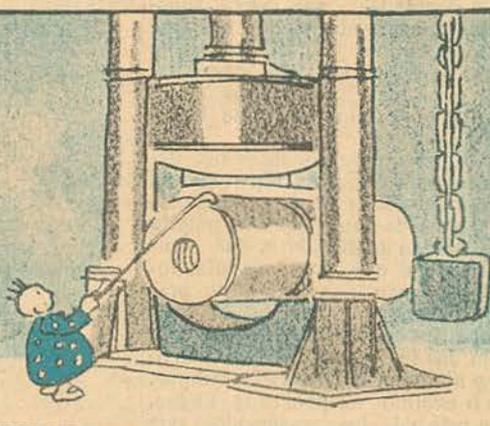
20.^a Parte1.^o Episódio

MANECAS INVENTOR

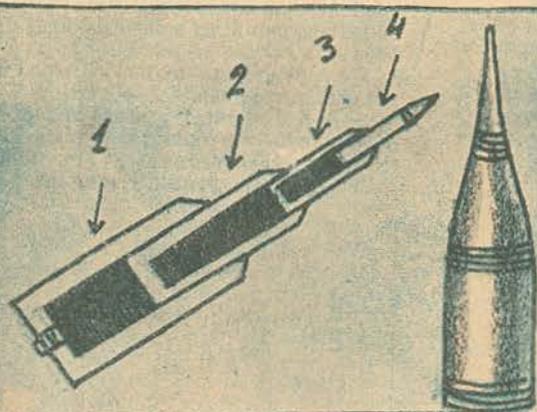
(Continuação)



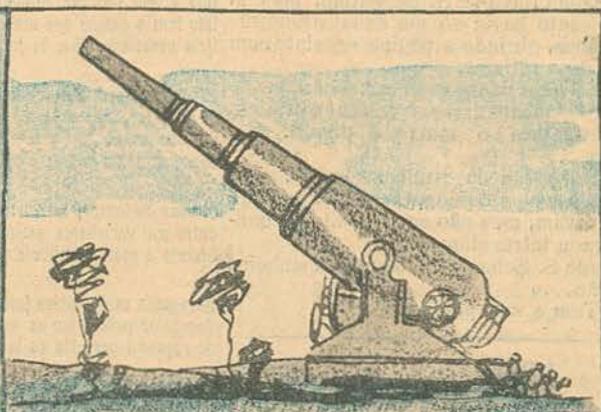
1.—Pachorrento, certo dia
O Manecas, n'um relance,
Inventou com alegria
Um canhão de grande alcance.



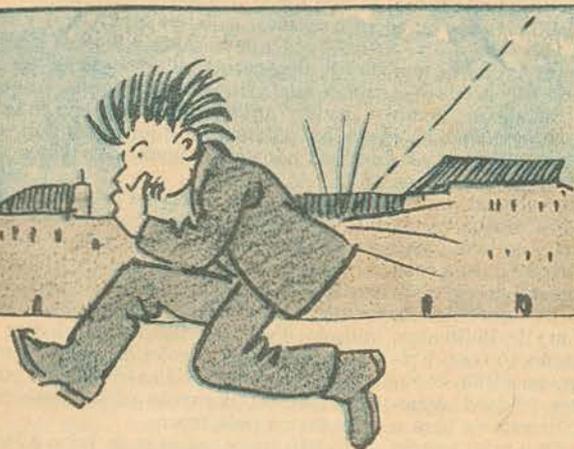
2.—Ele próprio, satisfeito,
Assistiu á construção
Por que ficasse perfeito
O referido canhão.



3.—O balasio era formado
Por quatro grandes canudos
Sendo o quarto carregado
De piolhos, dos miudos.



4.—Vae-se o tiro disparar,
Tudo está pronto. Por fim
Segue a bala pelo ar
Em direção a Berlim.



5.—E com piolhos a rodos
No sujo corpo antipático
Morreram os boche's todos
Com o tifo exantemático!



6.—Em vista do resultado
O nosso lindo pimpolho
Foi agora agraciado
Com a ordem do Pioelho.

(Continua).